

OBRAS DE

RAMADA CURTO

III VOLUME

OS REDENTORES DA ILYRIA

PEÇA EM 4 ACTOS



OBRAS
DE
RAMADA CURTO

PREFÁCIO

III VOLUME

OS REDENTORES DA ILYRIA

PEÇA EM 4 ACTOS



LIVRARIA SIMÕES LOPES
PORTO

OBRA
de
RAMADA CURTO

III VOLUME

PROPRIEDADE LITERÁRIA DA
LIVRARIA SIMÕES LOPES
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

OS REDENTORES

DA ILYRIA

PEÇA EM 4 ACTOS



LIVRARIA SIMÕES LOPES

TIPOGRAFIA DA Liv. SIMÕES LOPES

RUA CANDIDO REIS, 47 — PORTO

TELEFS. 20761/62/63 — O. 15094

PREFÁCIO

ESTA peça fez escândalo político. Foi escrita e representada em plena Grande-Guerra a tal, que anunciava a outra maior que veio depois. Toda a gente viu nela a máscara teatral duma situação política. O rei da Ilyria seria o velho e nobre cidadão que foi o Dr. Manuel d'Arriaga. Era mentira — nunca pensei nele. Raditchef seria o Afonso Costa. Nikolski o Dr. Brito Camacho. Nunca isso me passou pela cabeça. Se a peça tinha alguma ideia central seria esta: o povo, a massa anónima é sempre ludibriada e juguete das paixões dos que estão ou se lhe julgam superiores. O ódio político leva à traição contra as próprias Pátrias. No fundo o que há é luta de interesses e de cliques. Os simples são mais sinceros do que os cultos.

A peça, como trabalho teatral, é uma teatrada ingénua. Bem urdida, bem carpinteirada está. E o momento em que nós estávamos em guerra com a Alemanha e havia entre nós os germanófilos deu-lhe uma certa oportunidade. Pode dizer-se que é uma obra de ocasião. A ocasião, dado que nós estávamos em guerra, era germanófoba. Era o tempo em que se lia nas esquinas os dísticos: vigia os espiões, cospe nos traidores, odeia o inimigo. Eu creio ser este o dever de todos os cidadãos dum País em guerra. Certo é, porém, que — triste é confessá-lo — houve sempre nestes momentos quem discordasse. Essas discordâncias uma vez declarada a guerra são perigosas. Em França, levam aos fossos de Versalhes. Na Inglaterra, Loyd George mandou pendurar alguns discordantes numa corda. Mal vai aos Países onde nessas trágicas ocasiões, não há absoluta unidade.

PREFÁCIO

Nós—não discuto se mal ou bem—tínhamos mandado os nossos soldados para França, tínhamos lá o C. E. P. Que ganhámos nós com isso? Afinal Quionga. Bem sei que foi pouco mas era uma coisa que os alemães nos tinham roubado e que era nossa.

Nesse primeiro e tremendo choque entre dois blocos que se disputavam a hegemonia do Mundo, não devíamos nós, entendi eu então e entendo ainda hoje, conservar-nos na posição enganosamente cómoda do mexilhão, quando o mar se zanga com a rocha.

A situação era inteiramente diferente da da segunda guerra mundial. Se aquilo tivesse terminado por uma paz de compromisso nós—penso eu e pensava então—tínhamos ficado sem províncias ultramarinas.

A Alemanha declarando-nos a guerra resolveu-nos a questão e, felizmente, venceram os ingleses our oldest allie, mesmo depois de 1890. Fizemos bem. Os Redentores da Ilyria foram de facto a exposição dum problema real, dentro duma fábula teatral com nomes russos.

Foi furiosamente pateada—pelos que pensavam diversamente. Não estou arrependido de a ter escrito. Literariamente a peça, se for bem representada, é uma peça de teatro bem urdida.

É claro que, no conjunto da minha obra de teatro, considero-a medíocre. Mas tenho visto elogiar muito pior. Obra de circunstância poderá talvez servir como documentário duma época. Eu confesso que há nela uma personagem com quem simpatizo. É Boris, o silencioso. Este Boris está longe de ser a fotografia dum homem que eu tivesse conhe-

OS REDENTORES DA ILYRIA

cido apenas pela razão de se parecer com muitos que conheci e eram como ele. É uma figura de dedicação desinteressada. Os nomes de homens como ele nunca figuram na História e todavia fazem-na. Ao traçar estas linhas estou a recordar-me de algumas das seis ou sete pessoas que iam todas as noites ao teatro interromper a representação. Já morreram, que eu saiba, todas. Isso dispensa-me de ter para elas qualquer espécie de ressentimento. Mas sei, sei perfeitamente, que quem estava na razão era eu. E elas não tiveram nenhuma. Talvez inconscientemente, serviam uma má causa — como depois se viu por motivos que não são de explicitar num prefácio a uma peça de Teatro. Mas o leitor, se for desse tempo, deve reconhecê-los a esses motivos. Eu não enjeito os Redentores da Ilyria. Se como literatura puderem julgar esta peça, uma peça falhada, como documentário duma época fica como uma manifestação de entusiasmo e um protesto. Tenho tido, como todos, na vida coisas de que me arrependo. Mas não me arrependo e antes me orgulho pelo sentimento que ditou esta peça quase quarenta anos passados.

RAMADA CURTO

Lisboa, 9 de Abril de 1953

P. S. — É curioso que escrevo este prefácio numa data gloriosa — mas áspera para a nossa sensibilidade — para a minha pelo menos. Oxalá que o volume seja uma vitória — editorial.

R. C.

OS REDENTORES DA ILYRIA

PERSONAGENS

ANDRÉ DUFRESNE

GENERAL CONRADO

SÉRGIO LITVINE

BANQUEIRO IOKELMAN

CAPITÃO FELTZER

NIKOLSKI

KAWALEWSKI

MARUSSIA

JABOTINSKI

STEFAN

O REI

CLARA WALZEWA

RADITCHEF

SÓNIA

O CONTÍNUO

PEQUENO SÉRGIO

GENERAL IVAN KOUKOUTROF

O SOLDADO

O MÉDICO

ENFERMEIRO

KATIA

PRIMEIRO ACTO

Um salão no palácio real da Ilyria, sumptuosamente decorado e iluminado. Dois degraus a toda a extensão da cena dão acesso a uma galeria, entre colunas, ao fundo da qual se abre uma larga janela que dá para o exterior do palácio. A maior perspectiva de fundo e a maior profusão de luzes. O salão é um fumoir. Largos divãs à D. e E. no primeiro plano. Mesas pequenas com cigarros. Estatuetas e plantas ornamentais entre colunas. Portas à D. e E. no segundo plano. No primeiro à E. porta, à D. uma janela.

É noite de baile no palácio. Ao levantar do pano ouve-se música de câmara. Pares passam ao fundo na galeria. Outros passeiam. Profusão de fardas vistosas.

CENA I

(André Dufresne, general Conrado, que descem conversando da galeria até ao primeiro plano à D.; à esquerda, num grupo, Sérgio Litvine, o banqueiro Iokelman, o capitão Feltzer).

CONRADO (*a André*)

Veio encontrar a Ilyria muito mudada Dufresne, não é verdade?

ANDRÉ

Não lhe sinto a diferença, general...

CONRADO

Como, não sente? Mas passou pelo meu país uma revolução. Somos hoje um povo livre, um povo redimido e o senhor deixou-nos quando nada disto assim era.

ANDRÉ

Para mim, estrangeiro, essas coisas não constituem uma mudança apreciável. Os aspectos são os mesmos que eu deixei há oito anos, simples *attaché* de Legação. Quanto ao resto, S. Majestade Alexandre VI, soberano deposto...

CONRADO

O odioso tirano!

ANDRÉ

... era um *gentleman* encantador. S. Majestade Nicolau III, soberano reinante, é uma figura de chefe de Estado, altamente simpática.

CONRADO

Compreendo. O senhor Dufresne é como todos os seus colegas, os diplomatas, uma pessoa insuportável. Não há maneira de se conversar com os senhores, de lhes apanhar uma opinião, um parecer, um simples conceito. Outro tanto não sucede conosco, os militares... Somos francos, rudes até...

ANDRÉ (*rindo*)

Mas, general, o senhor passou quase toda a sua vida como eu na diplomacia. Essa rudeza só se aprendeu em Viena, em S. Petersburgo ou na minha amável Paris...

CONRADO (*embaraçado*)

Perdão, eu estive na Ilyria até capitão...

ANDRÉ

Bem sei. Ensinando humanidades na Escola Militar de Tobingen...

CONRADO (*concordando, risonho*)

Sim... Tem razão... A vida militar fi-la pouco... O que não impede que tenha chegado a general nos exércitos reais da Ilyria.

ANDRÉ

Um comentador de Tito-Lívio e de César que melhor general pode haver?!...

CONRADO

Sempre com a vida dos grandes cabos de guerra presente, é o que quer dizer, não é? Ironista, diplomata!

ANDRÉ (*apertando a mão a Feltzer*)

Muita honra, capitão...

FELTZER

Estive em Paris, como adido militar... Adoro o seu belo país.

CONRADO (*prossequindo as apresentações*)

O banqueiro Iokelman...

IOKELMAN

Isac Iokelman, um admirador do tudo quanto é francês... Os meus princípios foram também em Paris... Fui *chargé de pouvoirs* de Openheim e irmãos... Tenho a honra de conhecer S. Ex.^a o ministro da França...

ANDRÉ

Creio já o ter visto na legação.

IOKELMAN

Efectivamente...

CONRADO

Que diz à nossa festa, Dufresne? Que demónio! Abandone um pouco a sua reserva. Que lhe parece o aspecto, pelo menos exterior, duma festa na corte sob o novo regímen?

ANDRÉ

Não lhe sinto a diferença, general... Sòmente me parece...

CONRADO

Diga?

ANDRÉ

Que há menos mulheres...

SÉRGIO

Tens razão. As mulheres são por sua natureza conservadoras e timoratas... Daí o seu retraimento diante dum regímen liberal e democrático que acaba de sair duma revolução...

CONRADO

Há uma outra razão, Litvine. Alexandre VI era um homem novo e galhardo... S. Majestade Nicolau III vai nos setenta... Falta por esse motivo ao regímen liberal a solidariedade das mulheres. *(a André)* Tem-na a vossa República, porventura?

DUFRESNE

Em França há mulheres que cheguem para todos os regímens políticos, general.

FELTZER

Aqui está uma afirmação em que o patriotismo francês não é exagerado...

ANDRÉ

Julgo que em muitas mais, capitão Feltzer...

FELTZER

Sem dúvida...

CENA II

(Os mesmos, Nikolski, Kowalewski, secretário particular do rei, que aparecem no primeiro degrau da galeria conversando animadamente).

CONRADO (*olhando-os*)

Oh! por todas as pragas ortodoxas... Aí vêm os políticos, Dufresne! E o mais terrível de todos Iogur Nikolski, com Kowalewski, o secretário de S. Majestade... Eu fujo... Acompanhe-me, Feltzer...

IOKELMAN

Há exagero nesse receio, meu general...

CONRADO

Pelos santos ícones, exagero! Iogur Nikolski é um odioso político que há-de causar muito mal à Ilyria e Kowalewski um alma danada que ele teve a habilidade de colocar ao lado de S. Majestade. Olhe, Litvine, apesar de não morrer de amores pelo seu Raditchef antes esse mil vezes...

LITVINE

Com toda a razão... Raditchef, general, é o redentor da Ilyria, é o maior homem da nossa terra...

CONRADO

Hum! Maior que ele sou eu que sou mais alto e mais gordo... Adeus Dufresne, se tiver ocasião observe-me esse Nikolski, um verdadeiro exemplar dos ofídios dos Balcãs... Capitão, acompanhe-me.

NIKOLSKI *(que tem descido e conversa no segundo plano com Kowalewski, vendo que Feltzer vai sair seguido de Conrado)*

Capitão Feltzer... um momento, se pode...

FELTZER *(hesita)*

É que... *(indica Conrado)*

CONRADO *(da porta, vendo a cena, arrogantemente)*

Então, Feltzer... por que espera?

NIKOLSKI *(com um sinal de inteligência)*

Perfeitamente, Feltzer... Acompanhe o senhor general... Não é pressa. *(Conrado e Feltzer saem D. primeiro plano).*

CENA III

Os mesmos menos Conrado e Feltzer

IOKELMAN *(a Dufresne)*

Que exagerado, senhor secretário, é este nosso general!

DUFRESNE

Na sua apreciação sobre Nikolski?

IOKELMAN

Decerto, decerto! Nikolski é um homem superior...

LITVINE

É o primeiro intriguista da Ilyria e um mau liberal.

IOKELMAN

É o sectarismo político de Litvine que o faz falar assim... Iogur tem a seu lado as classes conservadoras, a finança, a propriedade, a indústria, tudo o que vale...

LITVINE

O que vale na Ilyria é o povo. Foi ele que derrubou a tirania...

IOKELMAN

O povo! Esse povo em que se apoia Raditchef! Quatro milhões de selvagens tendo à frente Raditchef que, nem que lhe pese, é um energúmeno!

LITVINE

Vê-se bem que o senhor é um judeu alemão, não pode amar o nobre povo desta terra...

IOKELMAN

É violento, Litvine!... Eu sou tão patriota como o senhor... Sou israelita o que me dá a vantagem de não ter ídolos... O senhor tem um que é Raditchef... Quanto à minha origem alemã sabe que de há muito estou naturalizado... (*a Dufresne*) Mas creia-me, senhor secretário, a propriedade, a indústria, os elementos de valor, mesmo, à parte meia dúzia de utopistas, o exército...

LITVINE (*interrompendo Iokelman*)

Eu ponho-te o caso claro, André, em dois traços. Raditchef, é um mau político e um mau homem de estado, como diz Iokelman, para a propriedade, para a grande propriedade, porque na Ilyria a grande propriedade não pagava impostos e Raditchef obrigou-a a pagar...

IOKELMAN

E por que forma...

LITVINE

Logur Nikolski é um bom ao contrário, porque para combater o rival contrariou isto... Iokelman é banqueiro. Tinha negócios com o Estado. Raditchef é mau para Iokelman porque a Ilyria este ano, graças a ele, não precisou como todos os anos, recorrer ao crédito de Iokelman e dos seus colegas...

IOKELMAN

Histórias, meu amigo... Nós veremos...